

Stadium

N.º 167 — 13 de Fevereiro de 1946 — Esc. 2\$00



O GRUPO DE HONRA DO OLHANENSE



No 1.º plano, da direita para a esquerda: Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Eminência. No 2.º plano: Nunes, Loulé, João dos Santos, Grazina, Rodrigues e Abraão



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente—LISBOA

Para o BENFICA... um dia tranquilo!



A bola saltou por cima das balizas. Teixeira, Henrique e Teixeira (Benfica) limitam-se a segui-la com os olhos



Dirigentes do Benfica e do Oliveirense trocam recordações



Uma defesa de Teixeira. Espírito Santo estava perto...

Espírito Santo procura estorvar Henrique, mas não o conseguiu desta vez. A bola pertenceu ao Oliveirense

O Benfica passou o obstáculo, se dificuldade era, em ar de tranquilidade. Quando carregou a fundo — exerceu domínio. Nem sequer devemos estranhar o facto. Não é segredo para ninguém que entre o Benfica e o Oliveirense ha acentuado desnível. Os de Aveiro nasceram agora para as grandes lutas, e os lisboetas já estão curtidos nas duras fainas.

Mas o Oliveirense teve, ao menos, e já é excelente qualidade!, a virtude de obrigar os lisboetas, em certo periodo, a desenvolverem o seu melhor. Então, a linha atacante fez desenhos e triangulações muito belas. Sendo surpreendente a facilidade com que todos os atacantes, especialmente Rogerio e Espírito Santo, trocam de posição, dando-nos toda uma lição de bem jogar. Optimo!

O Oliveirense está longe de ser um grupo perfeito e homogéneo, mas tem qualidades que o fazem figurar honrosamente na Primeira Divisão. Deixou-nos o maior agrado a maneira facil e dextra como todos os elementos trabalham a bola. O esférico é dominado com um leve e suave toque e fica pronto a ser passado de seguida. Neste aspecto, excelente! Simplesmente, os jogadores falham depois no capitulo da desmarcação. Não tem ainda o saber de experiências feito, ou a prática necessária. Por outro lado, os rapazes de Oliveira de Azeméis entregam-se à luta com vibração, desejosos de conquistarem um posto. O guarda-redes parece-nos elemento de valla, destacando-se da média o trio central de ataque.



Um remate de Espírito Santo, em posição difícil



Teixeira estira-se com decisão a uma bola perseguida por Espírito Santo

As variações da tabela

Como decorreram os encontros da décima jornada



Disputa de bola, junto às redes de Guimarães



jornada com o número dez da Primeira Divisão introduziu profundas alterações na tabela oficial dos pontos, analisada atentamente não

só pelos peritos como por todos os milhares de pessoas que, de norte a sul do país, se interessam pelo jogo tão belo e tão popular—o futebol. Seus resultados:

Allético	2	—	Vitória (Guim) 2
Benfca	7	—	Oliveirense .. 1
Porto	3	—	Boavista 2
Académica ..	3	—	Vitória (Sel.) 5
Olhanense ..	2	—	Belenenses .. 0
Elvas	2	—	Sporting 6

Vários grupos cresceram, e outros baixaram de nível. E a lei implacável da bola. Tão depressa está um por cima como outro. Semelhante característica dá à competição o grande fundo de interesse e curiosidade. A verdade é que a vindima se faz até ao levar dos cestos, e o que se torna necessário é não perder o lugar na roda, em que cada posição se conjuga com as outras.

Os grupos de Lisboa, o mais sólido bloco de concorrentes, continuam a figurar em lugar de honra, apesar do eclipse do Allético. O Olhanense transforma-se automaticamente no mais categorizado representante da Província, ameaçando o poderio da capital. Devemos enaltecer o esforço grandioso deste clube, de quem se pode dizer, de uma vez para sempre, que é igual aos melhores.

Dos clubes de Lisboa, o Belenenses sucumbiu em Olhão. Estava escrito. O Allético não passou de um empate na Tapadinha. Em compensação, o Sporting dominou em Elvas, após a indecisão natural dos primeiros choques, mesmo por que os elvenses não se deixam bater com facilidade. Também no Campo Grande, como se previa, o Benfica saltou o obstáculo com o sorriso nos lábios, contente da vida...

No Porto, o pleito entre os dois titulares da região comportou aspectos renhidos, mas no fim e ao cabo acabou por vencer o de classe mais apurada, o grupo com mais experiência das lutas decisivas. Em Coimbra, o Vitória de

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Setúbal cresceu de tal modo que tornou ineficaz todo o entusiasmo dos académicos.

A tabela apresenta o mesmo aspecto. De um lado, o lote de aqueles que lutam pelo título. E com que energia e bravura! E' constituído por cinco candidatos. Marcham ligados lado a lado, e firmes como rochas, Benfica e Sporting, com 15 pontos. Segue-se o Belenenses com 14. Logo o Olhanense com 13, e a seguir o Allético, com 12 pontos. Podendo dar-se o favoritismo aos três mais importantes de Lisboa, afigura-se-nos indiscutível que o problema está ainda longe de se encontrar decidido. Atacando-se todos furiosamente. Verdade é que não há entre os cinco diferença tão sensível que um vendaval não possa modificar o panorama. Tão fácil é descer como subir!

O grupo constituído pelos sete restantes concorrentes também se nivela, à excepção do Oliveirense. Trata-se de postos intermediários, mas cada um combate pela melhor posição como se estivesse a lutar pelo título. Tudo isto por

resumo crítico dos encontros disputados em Olhão e na Tapadinha. Competindo-nos agora a resenha do que se passou nos outros locais.

Na décima jornada marcaram-se 35 bolas, que dá quase a média de seis por encontro. Fernando Peyroteo, com cinco, seguindo-se cinco jogadores com dois goals. O título de campeão dos tentos está desde domingo passado em poder de Peyroteo, com 16 bolas. O título fica em boas mãos.

O empate da Tapadinha



A mais uma vez que pôr em evidência o seguinte: os desafios não se ganham com domínio técnico e territorial. Tal pesa e vale muito quando serve para

criar as oportunidades decisivas e quando estas são aproveitadas. Ora o Allético jogou o suficiente na primeira parte para se colocar a coberto de qualquer surpresa. Mas o certo é que o clube não soube aproveitar a vantagem, consentindo que mais tarde o seu adversário pusesse pé em ramo verde.

Deve ter-se em linha de conta que o Allético alinhou com Armindo e José Lopes, este, principalmente, o fulcro à volta do qual tudo gira. Mas semelhantes atenuantes não justificam o empate. Mesmo sem esses valores, os homens da Tapadinha tinham obrigação de subir a pulso na tabela...

Se é certo que os lisboetas dominaram no primeiro tempo, não é menos verdade que a segunda parte decorreu com equilíbrio, e que os rapazes de Guimarães souberam aproveitar magnificamente o vento, que corria de feição. O grupo não se deixou abalar, mesmo quando os lisboetas, devido a um remate espectacular de Marques, se colocaram na situação de presuntivos vencedores. O Vitória não se deixou tocar pela desgraça, executando o grupo boas combinações, rápidas e delineadas com perícia.

O Allético não conseguiu manter no decorrer de todo o encontro a tática de jogo pelas asas—que resultou sempre. Modificando, como tem sucedido de outras vezes, essa orientação. Nitido erro. O Vitória de Guimarães teve, nos

seus interiores, os melhores artífices do bom resultado.

Allético: Correia, Baptista, Castro, Galinho, Morais, Francisco Lopes, Micael, Óscar, Gregório Marques e Manuel da Costa.

Vitória G: Machado, Garcia, João, Luciano, Curado, José Maria, Franklim, Brioso, Alexandre, Alcino e Miguel. Arbitro: Vasco Ataíde, de Coimbra.

Os 2 do Porto em luta!



IZIA-SE antigamente, pelo menos nas últimas épocas, que o Porto só dava ao campeonato um concorrente de mérito. O Boavista desfez a afirmação. Tem-se

comportado muito bem, e a verdade é que não está separado do primeiro do Porto por grande distância. Um ponto de inferioridade pode desaparecer de um momento para o outro. A ascensão do Boavista despertou a aficção pelo jogo da passada jornada.

Como tantas vezes sucede, o desafio apresentou duas fases: uma, de domínio do Porto; outra, de vantagem do Boavista, em reacção.

Mas os campeões jogaram mais e melhor, no balanço da partida. Fica-se, pelo menos, com essa impressão, na recolha dos dados que se referem ao jogo. O Porto agradeceu no período de domínio: boa estrutura de grupo, certeza de movimentos e rapidez de execução. Além de tudo, os portuenses não se limitaram a envolver o adversário nas suas desmarcações, mas puseram-se a coberto dos golpes do adversário com a marcação de três bolas.

A posse clara do valor actual do *segundão* resulta, mesmo, dessa circunstância. Grupo que, estando a sofrer três tentos, ainda se sente com forças para a reacção, é por que tem fundo. No segundo tempo, os boavistas jogaram ao ataque, obrigando a defesa do adversário — magnífica e atenta! — a trabalho cerrado. Grupo ao ataque dá à sua defesa a vantagem do repouso, e bem precisava o reduto do vencido de descansar um pouco — tanto fizera nos três primeiros quartos de hora. Faltou ao Boavista um rematador.

Porto: Barrigana, Alfredo, Ca-



Uma defesa de Correia!

não ser indiferente ficar em 6.º ou em 10.º lugar, ainda que sem consequências fatais. São três parcelas. Porto e Setúbal estão juntos nos seus nove pontos. Boavista e Vitória de Guimarães com oito. Académica e Elvas com sete pontos.

Se o caso do último parece decidido, infelizmente para os campeões de Aveiro, o mesmo não se poderá afirmar quanto ao penúltimo posto, que tem a tragédia de discussão. Será ousado tudo que se diga a tal respeito. De certo, sabe-se apenas que, nessa altura da tabela, há valores muito iguais. Eis como se apresenta o quadro da classificação geral.

Noutro lugar desta revista, e nas páginas próprias, damos um

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51146 — LISBOA
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

milo, Anjos, Romão, Octaviano, Freitas, Araújo, Correia Dias, Gomes da Costa e Joaquim.

Boavista: Mota, Vinagre, Silva, Chaves, Serafim, Ramos, Zeca, Barros, Barroso, Caiado e Gonçalves. **Árbitro:** Domingos Miranda, do Porto.

Sporting passou em Elvas



BEM está quando se ganha! E toda a ordem de considerações poderá relegar-se para segundo plano. Mas as coisas devem ver-se tal qual são. O resultado de 6-2 parece

indicar que os leões passaram o obstáculo do Elvas sem dificuldades. Ora isso anda muito longe da verdade!

Certamente, o Sporting mostrou o seu real valor, e comparando os dois grupos, mesmo pelo que fizeram e não pelo seu valor no papel, não será difícil concluir que os dois *teams* estão separados por uma diferença sensível, em qualidade de futebol. Mas o Elvas ofereceu bela e digna resistência. Sucumbindo apenas nos últimos minutos—quando a balança já pendia decididamente para o lado lisboeta. Porque, de uma forma geral, a partida decorreu com equilíbrio e com variantes de ocupação de território. Ambos os contendores cerraram fileiras na defesa—lançando-se ao ataque. Mas o jogo sólido e eficiente, especialmente eficaz, dos sportinguistas, levou a melhor. Peyroteo, com o pé afinado, descobriu o caminho das redes sem esforço.

O Elvas foi o que se chama um bom vencido. Nunca se confiando na defesa, pois os momentos de desorientação não contam! Atacou sempre que pôde, insistindo no golpe ofensivo. O trio sportinguista da defesa viu-se na necessidade de suportar a tempestade. O jogo foi presenciado por grande assistência, e muitos adeptos sportinguistas se deslocaram a Elvas. Peyroteo pôs à prova as suas excepcionais qualidades de homem que chuta rápido. Um perigo acutilante, mesmo quando não descobre o caminho das redes.

Elvas: Semedo, Fernandes, Ameixa, Santos, Rebelo, Rana, Moraes, Massano, Patalino, Aleixo e Prouença.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Veríssimo, Lourenço, Armando Ferreira, Cordeiro, Peyroteo, António Marques e Albano.

Árbitro: Fernando Forte, de Setúbal.

Em Coimbra, bom jogo do Vitória!



EM Coimbra, o Vitória realizou uma exibição que o honra. É curioso, este Vitória! Com altos e baixos, tão depressa afirma a paciência de

como logo a seguir baixa de tom. Os setubalenses marcaram cinco bolas nas redes, mas esses *goals* não remataram de jogadas de

Segunda Divisão

Bom resultado do Operário contra o Fósforos — O Famalicão continua a brilhar

A última jornada da 2.ª Divisão Nacional confirmou, em diversas séries, a vantagem dos clubes da vanguarda. E a carreira de alguns é de facto digna de relevo: Famalicão, Leixões, Salgueiros, União de Coimbra, Ferroviários, Estoril Praia, União de Beja, S. L. Castelo Branco, Barreirense, Portimonense, Ginásio do Sul, etc.

Os resultados gerais de domingo foram os seguintes:

Grupo A—Série 1:—União Paedense-Sp. Braga, 0-4; Sp. Feje-Vila Real, 5-1; Leixões-Avintes, 7-0.

Série 2:—Ramaldense-Famalicão, 0-4; Candal-Infesta, 4-1; Moimimense-Ermesinde, 2-3.

Série 3:—Aves-Académica, 0-2; Salgueiros-Coimbrões, 4-2; Gil Vicente-Vianense, 2-3.

Série 4:—Progresso-Vilanova, 0-4; Ovarense-Leça, 3-2 Sp. Espinho-Un. Lomas, 1-3.

Grupo B—Série 5:—Ac. Viseu-União Coimbra, 1-2; Sanjoanense-S. L. Viseu, 5-3.

Série 6:—Sport-Naval 1.º de Maio, 1-2; Marinhense-Tondela, 9-1.

Série 7:—Nazarenos-Operário V. F., 1-0; Ferroviários-Alhandra, 4-3; F. Benfica-Alcobaça, 1-3.

Série 8:—Peniche-Matrena, 2-1.

acaso. Nada disso. O grupo actuou em conjunto e ligação de esforços e movimentos, com rapidez e desmarcações rápidas e desorientantes. Jogando ao ataque, a linha avançada exprimiu com excelência essa orientação, desenvolvendo avanços sobre avanços, e conservando quase sempre a bola rasteira. A defesa coimbrã, apesar de toda a sua boa vontade, viu-se dominada com frequência.

Pode dizer-se que os setubalenses se comportaram bem melhor do que o seu adversário. Só os eleva afirmar-se que a Académica não se deixou bater facilmente. Fica para a história a reacção dos estudantes na segunda parte, um quarto de hora de espantosa decisão, em que os estudantes deram tudo quanto podiam, chegando ao resultado de 3-4. Nesse momento, a última bola setubalense matou a questão. A falta de um avançado-centro de bom remate fez-se sentir.

O Vitória fez a colheita no bom tempo. Assim, pôde atravessar a fase má sem inconvenientes de maior. De resto, o grupo estava em tarde de inspiração. Em contraste com os representantes de Coimbra. Nem admira que estes se tenham positivamente entregado, ao verem o *score* em 5-3! Qualquer outra equipa, em idênticas condições, também se entregaria. O grupo académico precisava de reforço em pontos que são nitidamente inferiores.

Académica: Jaques, António Maria, Mário Reis, Lomba, Aristides, Braz, Lemos, Azeredo, Garção, Leite e Angelo.

Vitória de Setúbal: Acácio, Montês, Armindo, Pereira, Pina, Pacheco, Campos, Nunes, Rendas, Cardoso Pereira e Carlos Santos. **Árbitro:** João dos Santos Júnior, de Lisboa.

Grupo C—Série 9:—Leões Santarém-Chelas, 0-1; Estoril-Cuf Lisboa, 6-1; Bombarrolense-Op. Santarém, 3-1.

Série 10:—Almada-Casa Pia A. C., 1-3; Seixal-Marvilense, 2-2; Ginásio Sul-S. L. Oliveis, 4-4.

Série 11:—Barreirense-Monte Caparica, 9-0; Palmense-Socavenense, 3-3; Operário-Fósforos, 2-1.

Série 12:—Aldegalense-Lusitano, 4-3; Luso Barreiro-Unidos Montijo, 0-2.

Grupo D—Série 13:—Covilhães-Sp. Covilhã, 1-3; S. L. Castelo Branco-Campomaiorense, 6-1; Portlegrense-C. P. Abrentes, 2-1.

Série 14:—União Montemor-Juventude, 1-2.

Série 15:—União Beja-Piense, 6-3; Atl. Moura-S. L. Évora, 6-0;

Série 16:—Sp. Farense-Portimonense, 0-1; Lusitano-Boa Esperança, 2-1.

Um resultado pode considerar-se de boa sensação: a vitória do Operário sobre o Fósforos, por 2-1, quando na primeira volta ganharam os homens de Marvila por 5-1. O União de Coimbra, que na primeira volta ganhou por 2-1, repeliu agora o resultado, e mantém-se na vanguarda da sua série.

Entre os resultados bons da jornada, podem contar-se também a vitória do Chelas sobre o Leões de Santarém, no seu próprio campo, por 1-0; a derrote do Almada, no sua terra, com o Casa Pia, por 3-1; a vitória do Portimonense, em Faro, por 1-0; a nova vitória do Famalicão, por 4-0, sobre o Ramaldense, que já na primeira volta havia perdido por 9-0. A expressiva vitória do Estoril Praia sobre o G. D. de Cuf, por 6-1, denuncia também firme desejo por parte dos estorilenses.

Stadium

E O JOGO DA R. A. F.

Publicaremos no próximo número uma reportagem completa do encontro do próximo domingo, entre o grupo da R. A. F. e a Seleção militar portuguesa de futebol, no Estádio Nacional.

Essa edição será ilustrada com muitas fotografias, a cargo dos verdadeiros artistas que são os conhecidos fotógrafos Horácio Novais, Amadeu Ferrari e Claudino Madeira.

Tavares da Silva fará a crónica do encontro. Publicaremos ainda artigos, entrevistas e várias notas sobre o jogo e sobre os jogadores portugueses e ingleses, e também duas belas fotografias dos dois grupos.

Rogamos aos nossos Agentes e a todos os interessados o obsequio de participarem à administração do «Stadium», imediatamente e, quantos exemplares querem a mais do que a sua remessa normal.

Campeonato de Juniores

A meio da primeira fase, Cascais, Benfica, Belenenses e Estoril estão com vantagem sobre os restantes concorrentes



Campeonato de Juniores da A. F. L. teve, no último domingo, a sua quinta jornada—sem dúvida a

de mais interesse de quantas vão decorridas. Ficou-se, assim, a meio do primeiro (e da importante) competição, cujo regularidade é digna de realce.

A meio das «poules» de apuramento torna-se já possível prever quais as equipas que vão ter mais longa permanência na prova.

Assim, na 1.ª série, a classificação ficou assim ordenada: 1.º Cascalheira, 8 pontos; 2.º Sporting A, 6 p.; 3.º C. U. F., 4 p.; 4.º Sintrense e F. Benfica, 0 p.

Na 2.ª série: 1.º Benfica A, 7 p.; 2.º Palmense, 6 p.; 3.º Sporting B, 4 p.; 4.º Desportivo Operário, 2 p.; 5.º Torujense, 1 p.

Na 3.ª série: 1.º Benfica B e Belenenses A, 7 pontos; 3.º Chelas, 4 p.; 4.º Marvilense, 2 p.; 5.º Socavenense, 0 p.

4.ª série: 1.º Estoril, 6 p.; 2.º Cascais e Atlético, p.; 4.º Belenenses, 4 p.; 5.º Oeiras, 0 p.

Das dois encontros da 1.ª série disputados no último domingo, o Sporting A-Cascalheira era, inevitavelmente, o de maior interesse.

A vitória do grupo de Campolide (2-1) é merecida, visto que a equipa se mostrou mais «afinada» do que a do Sporting.

No outro encontro, a C. U. F. evidenciou larga superioridade, que a sua vitória (4-1) não pode ser discutida.

Não foi menos afortunada a equipa B dos «leões», na 2.ª série, que derrotou o Palmense, perdendo (2-3). Este desfecho da luta talvez não fosse o que mais se esperava. Mas aceita-se sem dificuldade, dada a vontade evidenciada pelos rapazes de Palma em recuperar o atraso.

Contra o mais fraco grupo da série, o Benfica A não teve dificuldades em firmar a sua superioridade. Os 5-0 sofridos pelo Tarujense são concludentes.

Excelente, também, a partida entre o Benfica B e o Belenenses A—outro desempate para o primeiro lugar da série. Os guarda-redes ainda não haviam sofrido qualquer «goal» e ontem voltaram a ficar em igualdade, pois cada um não consentiu, nas suas redes, mais do que um tento. Foi, portanto, um empate o resultado dessa luta bem disputada.

Entre marvilenses e socavenenses não houve grande desnível—a avaliar pelo resultado: 1-0 a favor de Marvila.

Na 4.ª série, o Atlético venceu o Oeiras expressivamente (6-0). O encontro serviu de reabilitação para os alcantarenenses, embora não se deva esquecer que os oeirenses formam a mais fraca equipa da série.

O Cascais, favorito do encontro contra o Belenenses B, não foi além dum empate. Parece que os cascaisenses, fora do sua terra, se inferiorizam, pois os resultados feitos antes por uma e outra equipa davam à equipa de Cascais maior «colocação».

D. D.

ROGERIO em grande forma!

O PAVÃO DA MULTIDÃO JA' PASSOU...

ROGERIO, o ágil e enérgico extremo esquerdo do Benfica, está em foco, não só pelas suas recentes exhibições, que têm entusiasmado o publico da bola, como especialmente porque, à margem desta sua melhoria de forma, se pode falar de um caso (o de Rogerio não é único) que merece ser ponderado pela multidão que, domingo a domingo, enche os campos de futebol.

Anotemos primeiramente alguns dados biográficos do jovem jogador que, há 4 épocas, enverga a camisola do popular Benfica.

Começou no Chelas que, seu pai, Arminio de Carvalho, fundou, e onde ainda joga um seu irmão, o habilidoso França.

— A minha vinda para o Benfica, explica-nos Rogerio, foi casual. Não constituiu qualquer preferência. Que a bem dizer não tinha! Somente desejava jogar num clube de grande importância e foi o próprio Chelas, ao saber da minha pretensão, que me fez ingressar no Benfica. Hoje, porém, — rectificação — devo dizer que, se nesse tempo eu soubesse o que era o grande Benfica, seria eu próprio a escolhê-lo. Creia que se vive no Benfica um ambiente admirável de entusiasmo desportivo e um constante espirito de camaradagem.

— Temos, portanto, o Rogerio firme como uma rocha no Benfica?

— Inteiramente, com o mais vivo prazer e dedicação. No entanto, já estive à beira de abandonar o clube e o futebol.

E Rogerio deu-nos a explicação. Surge-nos o tal caso, significativo de como o público da bola é por vezes o causador da má exhibição de um jogador, não sabendo dosear as suas exigências.

E Rogerio que nos expõe o assunto.

— Certamente passei um período de abaixamento de forma por causas morais e por não me sentir fisicamente bem. A massa associativa do Benfica, porém, não perdoou, e eu ouvia no decorrer dos 90 minutos de jogo más palavras e algumas insinuações que, longe de ajudarem a recompor-me me perturbavam. Durante algum tempo o apoio que a multidão benfiquista me dava era de molde a aumentar o meu estado de nervosismo que, pouco a pouco, ia sentindo os efeitos dessa campanha. Temia já entrar em campo... E quando entrava era já com a certeza de que faria má exhibição! Mesmo de novo na posse das minhas faculdades físicas, aquela massa enorme de gente que representava o público do Benfica causava-me enervante intranquilidade. Eles dizem que jogo mal... Eles dizem que ajudo às derrotas do Benfica... Um tormento! Foram os meus colegas, que compreendendo bem a situação em que me encontrava que deram ânimo para vencer esta crise de que não era o principal causador. Os meus colegas e o nosso treinador Biri, garantindo-me sempre que possuía qualidades que muito interessavam ao «team» insistia pela minha permanência no grupo. Ouvia atentamente os seus conselhos e a sua opinião dava-me novas forças. Mas aquela massa enorme de gente gritando: Benfica! Benfica! Benfica! tomava conta de mim. Será hoje que eu consigo agradar-lhes? O meu primeiro «chute» era fraco e eu via logo aquela multidão de olhos postos em mim como um brazeiro. Lá está ele!... Até que, num supremo esforço, fazendo um apêlo a todas as minhas energias, conseguí vencer esse mau período. Tapei os ouvidos e derrotel o nervosismo. Venci!

De facto, Rogerio tem sido ultimamente um útil elemento na linha avançada do Benfica.

— Sente-se então na posse de todas as suas faculdades de jogador?

— Hoje já me aplaudem, e quando saio do campo trago atrás de mim um grupo entusiasta de admiradores... Agora já sou o melhor do mundo.

— Depois do Benfica, qual é o clube da sua preferência?

— O Chelas.

— E jogadores?

— Meu irmão, que o vejo ainda fazer um bom lugar no grupo chelense, e depois Peyroteo, como jogador e como colega de emprego, Feliciano, Quaresma e Salvador, do Olhanense.

Rogerio que se iniciou no lugar de ponta direita diz-nos que se adaptou muito bem a extremo esquerdo, tanto mais que acha que chuta bem com os dois pés.

— Em futebol qual a fase de que gosta mais?

— Uma bonita avançada, plena de movimento e que termina com um «goal».

O jovem benfiquista não acha dificuldade especial em qualquer jogada.

— Acho que todas as jogadas são difíceis, porém, sinto-me à vontade em todas elas.

— Como encarou a sua escolha para o «team» nacional?

— Com muito agrado, naturalmente. Mas cheguei a estar desiludido. Tenho esperança de fazer um bom desafio.

— Que opinião nos dá acerca do Benfica esta época?

— Tenho a melhor impressão do nosso grupo, e espero ganhar este campeonato. Estamos já no período de boa ligação e deve-se ter confiança em todos os meus colegas de «equipes». Além disso não esqueçamos que o Benfica é um grande clube.

Assim nos falou este rapaz de 23 anos, o habilidoso extremo esquerdo do Benfica, que actualmente está a dar nas vistas.



Rogerio deixa tranquilamente o seu emprego!



Uma jogada perfeita de Rogerio, de domínio de bola e de bom toque



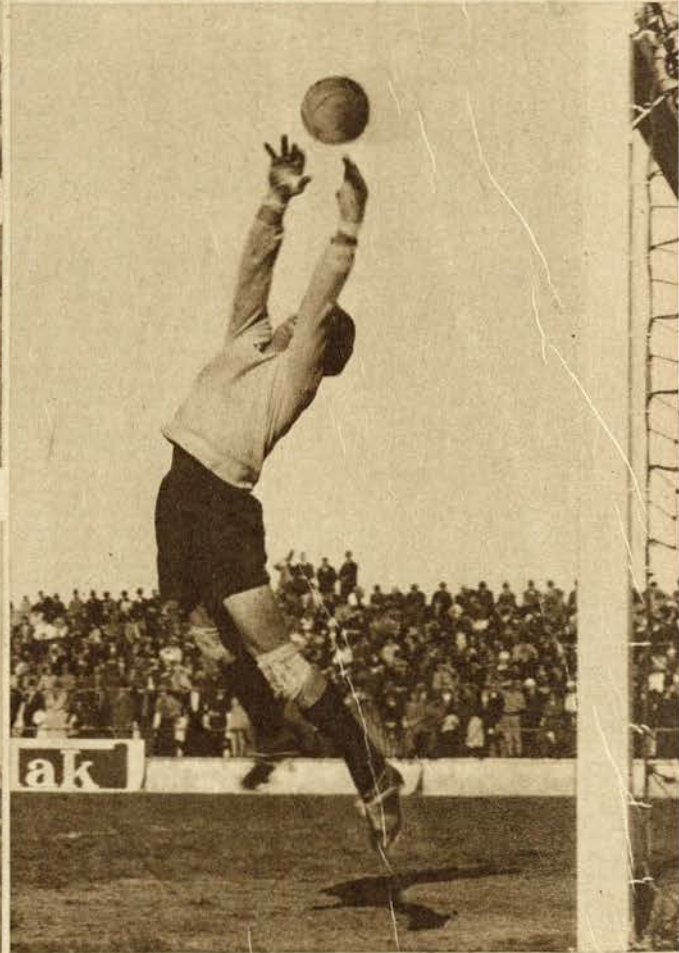
O VITORIA "C" Arreanca um ponto na TAPADINHA



Machado defende com segurança, um ataque alcantarense



Outra boa defesa de Machado, o seguro guarda-rede vimaranense



A bola tinha sido apontada com perigo. Mas Correia evitou-o, como se vê...

SETUBAL brilha em COIMBRA!



Os defesas académicos defendem-se com ardor a meio do campo



Os setubalenses também tiveram perturbações. O ataque académico, sempre que ponde

A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

BOXE

Monty Servo, novo campeão do Mundo dos «meio-médios»

O famoso recinto noviorquino Madison Square Garden foi mais uma vez teatro de um notável combate de boxe. Estava em jogo o título de campeão mundial dos pesos meio-médios, pertencente a Fred Cochran, e disputava esse emblema o novel pugilista Monty Servo.

Os primeiros assaltos foram nivelados. No terceiro, a técnica de Monty impôs-se francamente e no imediato aplicou no maxilar do campeão a estocada definitiva.

Cerca de vinte mil pessoas aplaudiram com entusiasmo o labor do novo titular, que, a 24 de maio próximo, enfrentará o preto Ray Robinson, duro e temível adversário.

Juanito Martin afirma a sua classe

O irregular e inconstante pugilista espanhol Juanito Martin parece resolvido a encerrar a sério a sua profissão. Há poucas semanas corrigia Garcia Alvarez e agora pôs fora de combate, ao 15.º segundo do 7.º assalto, o valenciano Llacer, apesar de uma importante desvantagem de 5 quilos.

A derrota de Augusto de Sousa, consumada no mesmo prazo de tempo, fica agora melhor esclarecida. Um Juanito Martin confiado no seu mérito e no considerável poder dos punhos é adversário capaz de virar os melhores.

Na mesma sessão o marroquino Ben Buker perdeu a decisão pontual em 8 assaltos frente a Mariano Iliata.

Pugilismo em Inglaterra

REALIZOU-SE em Londres, no Seymour Hall, uma velada de boxe de certa importância. O ex-campeão de Inglaterra Eric Boon obrigou o peso leve francês Jean Wanes a desistir durante o 5.º assalto. O combate foi duro. No 1.º e 3.º períodos, Boon caiu na lona abatido por golpes violentos ao tronco. Entretanto, obteve vantagem nas trocas de socos sucessivas que caracterizaram o desafio e terminou dominando o seu adversário.

Em meio fundo, Jim Webster ganhou ao «levíssimo» Norman Lewis por pontos, após uma luta ardorosa, científica e palpitante.

TÊNIS

tra a Holanda. A Irlanda fica de fora, sem competidor na primeira ronda.

O vencedor da zona americana jogará contra a Nova-Zelândia. Note-se a posição da China, no seio da zona europeia.

O principal destes jogos é, sem contestação, o desafio Inglaterra-França, que deve efectuar-se em Paris. A equipa francesa supõe-se que seja composta de Yvon Petra, Cochet e Destremaux. Da equipa inglesa só o nome de Charles Hare é já conhecido.

NOTA DA SEMANA

DESDE 1938, quando o Preston North End, clube de futebol inglês, conseguiu arrebatara Taça a uns escassos segundos do final do prolongamento da partida, que nada se havia visto ainda tão dramático e palpitante. Referimo-nos aos jogos que eliminaram o clube Blackpool em benefício do Middlesborough, na recente eliminação da «Taça de Inglaterra».

Tanto um como o outro haviam conseguido vencer as suas «mãos» por 3 bolas a 2, jogando 90 minutos de cada vez, nos respectivos campos. Tornou-se indispensável, pois, efectuar terceira partida para desempate e durante o tempo regulamentar o resultado foi de zero tentos!

Prolongamentos, de dez minutos cada um, se consumiram inutilmente. Os teams continuavam empatados. Por fim, o jogo renouou-se até se obter um resultado concreto, e ao 31.º minuto do prolongamento derradeiro, certo jogador do Blackpool cometeu a falta de derrubar um adversário no limite da área do penalty.

A multidão aguardou em silêncio a decisão do árbitro. Seria um free-kick, um penalty ou o fora-de-jogo que o linesman anunciara com a bandeira?

Mas o árbitro não hesitou um instante. Marcou o castigo supremo e assim foi que, após seis horas e 21 minutos de luta descontinua, é certo, mas nem por isso menos dura e maratoniã, o Blackpool se viu eliminado da contenda.

Apesar da imponência do prélio travado pelos dois «onzes» merecer justos elogios, o que mais fere a sensibilidade não é ainda o esforço titânico desses 22 homens. Acima disso emerge a elevação de espírito do público, o enorme grau de desportividade posto em jogo, aceitando num lance decisivo, embora duvidoso, a sentença do árbitro do desafio.

Apenas três partidários do clube vencido, mudos e comovidos até às lágrimas, apontavam para o local do terreno onde se produzira o lance e que ainda apresentava vestígios da queda do jogador, significando a sua discordância.

Esta bela lição jamais será aprendida pelo nosso público, cujo instinto faz luxo em manifestar-se com ruído estrepito sempre que o bandido do árbitro se engana ou decide de modo diferente.

Rafael Barradas

FUTEBOL

O desafio Escócia-Irlanda Livre

A Irlanda e a Escócia jogaram em Belfast na presença de mais de cinquenta mil espectadores o seu encontro internacional. O resultado esteve indeciso até aos últimos momentos. Primeiro, os irlandeses dominaram, acabando a primeira parte a ganhar por 2-1. Depois do intervalo, a equipa escocesa actuou de forma superior, empatando e arrancando a vitória final por 3-2.

O mais curioso deste desafio foram as duas bolas marcadas por Walsh (Irlanda): a primeira, atirou-a com o joelho; entrando a um centro de O Flanagan; a segunda entrou nas redes por ter batido nas costas do referido jogador...

Sob o ponto de vista técnico, o desafio não correspondeu à expectativa.

A Taça de Inglaterra

CONTINUA na brecha a célebre Taça de Inglaterra, cuja 5.ª jornada se realiza em duas mãos, a primeira no sábado findo e a segunda até hoje. Os clubes apurados no sorteio e respectivos encontros foram os seguintes:

Sunderland	contra	Birmingham
Chelsea	>	Aston Villa
Bolton	>	Middlesborough
Brighton	>	Derby
Stoke	>	Sheffield United
Q. P. Rangers	>	Brentford
Barnsley	>	Bradford
Preston N. E.	>	Charlton

Os favoritos, depois de tremenda luta, parece-nos virem a ser os seguintes: Birmingham, Brentford, Bradford, Preston, Bolton, Chelsea, Derby e Stoke.

O choque mais imponente é o de Aston Villa contra Chelsea. Calcula-se que pelo menos umas 150 mil pessoas venham assistir aos dois jogos travados entre estes equilibrados rivais.

O sorteio pôs frente a frente clubes de força equivalente e só o Derby County teve sorte com o adversário, ao qual deve vencer pela certa.

Na quarta-feira já nenhum lugar havia à venda nos oito campos dos clubes que jogam em casa. As bichas de compradores organizaram-se pela madrugada e os 6.000 bilhetes de dez xelins saíram da tipografia às dez horas da manhã e ao meio da tarde tinham-se esgotado...

Para evitar que o público assalte e se instale na cobertura de vidro das bancadas (como sucedeu com os jogos do Dynamo de Moscóvia...), fizeram-se vedações de arame farpado, com grande

espessura, em volta do edifício, e a polícia foi reforçada.

Julga-se que a assistência recorde (82.905 pessoas) realizada em 1935, entre o Arsenal e o Chelsea, fosse ultrapassada no jogo de sábado findo.

AS LIGAS EM ESPANHA

SEVILHA E BILBAO à frente da competição

DISPUTOU-SE mais uma jornada da Primeira Liga, em Espanha, com os seguintes resultados: Madrid 2-Gijón 2; Sevilha 1-Espanhol 0; Castellón 2-Alcoyano 1; Celta 6-Aviación 1; Hércules 0-Bilbao 0; Barcelona 1-Valência 1; Oviedo 0-Múrcia 0.

À frente da competição figuram o Sevilha e o Bilbao, em igualdade de pontos, distanciados dois pontos do Barcelona e do Oviedo.

Na Segunda Liga registaram-se estes resultados: Corunha 1-Real Sociedade 0; Xerez 4-Córdoba 0; Sabadell 1-Saragoça 1; Salamanca 6-Ferrol 1; Maiorca 4-Santander 2; Granada 2-Tarragona 1; e Ceuta 2-Betis 1.

O Sabadell marcha isolado, com mais seis pontos do que aqueles que o perseguem.

RUGBY

Bela vitória da Escócia sobre Gales

A velocidade dos avançados e a excelente persistência táctica dos médios deu à Escócia uma excelente vitória sobre a Gales por 25 pontos a 6, em Swansea, Inglaterra.

A figura dominante do desafio foi Geddes, se bem que um tanto irregular. Na defesa de Gales, Trott mostrou-se mais profundo e hábil. Os escoceses dominavam ao fim da primeira parte por 16 pontos a zero.

A Taça Davis

ESTA concluído o sorteio para a disputa da Taça Davis. Os Estados- Unidos jogarão contra as Filipinas e o México contra o Canadá, na zona americana. Os desafios na zona europeia serão os seguintes: Espanha contra Suíça; Inglaterra contra França; Turquia contra a Checoslováquia; Egípto contra a Sudestávia; Dinamarca contra a China; Bélgica contra Mónaco e Suécia con-

Há resposta para tudo...

P. 288 — Gostaria que me dissesse quais foram os vencedores dos Campeonatos da Primeira Liga, e em que anos se disputaram semelhantes torneios? (De Um adepto do Porlo).

R. 288 — O campeonato da Liga, com semelhante designação, disputou-se apenas em três épocas, 1935-36, 36-37 e 37-38, tendo apenas um vencedor, o Sport Lisboa e Benfica.

P. 289 — O árbitro De Lasalle faz parte da lista internacional de Arbitros? De que terra é? (De Um aluno da Escola Francesa).

R. 289 — De Lasalle é de Calais, e faz parte da lista internacional francesa de árbitros. Juiz competente.

P. 290 — Qual era a constituição do grupo nacional quando perdemos contra a Espanha por 9-0 em Madrid? Eu queria saber isto por causa de uma aposta. (De F. C., de Ovar).

R. 290 — Começámos, alinhando: Soares dos Reis; Avelino Martins e Jurado; Nona, Augusto Silva e Gaspar; Mourão, Waldemar, Acácio, Pinga e Domingos Lopes.

Na 2.ª parte, Amaro ocupou o lugar de guarda-redes; Serrano o de Jurado; Alvaro Pereira o de Augusto Silva. Jurado passou para o posto de Nova, e este saiu.

P. 291 — Porque vai agora jogar Mário Coelho a ponta direita quando, mesmo no Belenenses, ele é o elemento de menor valia? (Um que gosta de Belenenses).

R. 291 — Não tem razão. Mário Coelho é um jogador com um forte remate. Que o diga Bahon, balido, em Madrid, duas vezes, pelo seu fortíssimo chute.

P. 292 — Não acha estúpido mandar vir um árbitro de França para arbitrar o encontro da R. A. F.? Então, em Portugal, não haveria árbitros capazes para o efeito? (Um juiz de campo).

R. 292 — Evidentemente, há em Portugal árbitros competentes. A prova é que já se têm deslocado ao estrangeiro, requisitados. Mas o jogo do próximo dia 17, de características internacionais, só poderia ser dirigido por um árbitro estrangeiro.

P. 293 — Quantos encontros internacionais disputaremos nesta temporada? (Um que gosta de futebol, de Vila Franca).

R. 293 — Dois: Portugal-Espanha e Portugal-França. Talvez o Portugal-Irlanda...

P. 294 — Acha justo o que se está a passar com os bilhetes para o Estádio Nacional? (De um sportinguista, de Lisboa).

R. 294 — Nem justo, nem injusto. Como dissemos no nosso último número, a verdade é só uma: a capacidade do Estádio Nacional já é insuficiente para os desafios de grande atracção. De esse mal derivam todos os outros males.

MUNDO da BOLA

pelos JORNALISTAS desconhecidos

A. R. A. F. EM LISBOA

Os mestres profissionais

defrontam, no Estádio Nacional
uma forte selecção portuguesa

E' já de aqui a dias, no próximo domingo, que o onze da R. A. F., constituído pelos melhores profissionais da bola, defrontará uma selecção militar portuguesa, em desafio benemérito, revertendo o produto a favor do Fundo da Royal Air Force, da Cruz Vermelha Portuguesa e da Colónia Balear Infantil de «O Século».

A arma aérea inglesa tem vários onzes, mas o que se desloca a Lisboa é o mais forte, a verdadeira selecção. Os ingleses sabem que o futebol está muito divulgado entre nós, acatelando, por consequência, devidamente, a sua deslocação. O grupo está constituído em definitivo da seguinte maneira:

Guarda-redes: Williams (do Wolverhampton).

Defesas: Scott (Arsenal) e Barker (Huddersfield).

Médios: Soo (Leicester), Franklin (Stoke) e Paterson (Glasgow Celtic).

Avançados: Matthews (Stoke), Dougan (Birmingham), Fenton (Middlesborough), Brown (Charlton) e Smith (Aston Villa).

Suplentes: Hobbs (Charlton) e Shephard (Fulham).

Vêm a Portugal famosos jogadores, entre os quais o genial Matthews, o terror de todas as defesas...

Encarregado de formar a linha portuguesa, parece certo que Ribeiro dos Reis alinhará os seus valores da seguinte maneira:

Capela, Cardoso, Feliciano, Barrosa, Francisco Ferreira, Serafim, Mário Coelho, Quarresma, Peyroteo, Salvador e Rogério.

Figurando como suplentes: Eduardo Santos, Mateus, José Lopes, Moreira e Cabrita.

Mas a última palavra só será proferida depois do treino que hoje se efectua, contra o Estoril, no Estádio Nacional; e à última hora bem poderá dar-se alguma alteração, especialmente no plano defensivo. De resto, a dúvida é apenas a seguinte:

— Qual será o homem mais indicado para ceder Matthews: Serafim, o médio; ou Cardoso, o defensor?

Os jogadores portugueses estão desde segunda-feira passada, à noite, em estãgio, na Venda do Pinheiro. São ali assistidos pelos srs. major Ribeiro dos Reis, professor de ginástica Luís Adão e massagista Manuel Marques. To-

das as manhãs fazem ginástica e longos passeios a pé durante o dia. Mantém-se entre todos o melhor convívio e a mais para camaradagem, embora cada elemento envergue a farda militar do seu regimento. O grupo é capitaneado por Capela, que tem o posto de farril.

Os ingleses chegam a Lisboa, de avião, depois de amanhã, acompanhados de altas entidades. Treinam no sábado, jogam no domingo e a sua partida está marcada para segunda-feira próxima.

O encontro é dirigido pelo conhecido árbitro francês De Lasalle, que será auxiliado por Carlos Canuto e por um elemento dos visitantes.

Do interesse pelo encontro fala eloquentemente a circunstância de não haver bilhetes, há muitos dias, a não serem os dos marcações.

A Federação Portuguesa de Futebol, que tem dado a este grande encontro de carácter internacional a maior assistência técnica, facilitando os treinos e em outros aspectos, cede à selecção militar a equipa nacional, camisola grenat, bem como os seus serviços clínicos.

Assistem ao encontro o Sr. Presidente da República, embaixador de Inglaterra, e os ministros e sub-secretários do Estado, e ainda altas individualidades oficiais.

CONTA-GOTAS

As novas direcções do Benfica e Sporting já tomaram posse. Quase todas. No Benfica notou-se a ausência dos antigos directores. Mas no Sporting compareceram todos, antigos e modernos. De qualquer modo, vinca-se nas duas colectividades desportivas, as mais importantes do país, um grande desejo de engrandecimento e uma vontade forte no sentido de solucionar os vastos problemas que os dois históricos vão enfrentar.

Sem dúvida nenhuma, têm-se revelado nos últimos tempos alguns jogadores. Se formos à lista dos clubes que concorrem à Primeira Divisão, encontramos lá rapazes novos, que ainda não são jogadores feitos — mas que prometem. O futebol não morre à mingua de jogadores!

O problema da arbitragem assume aspectos gravíssimos no Brasil. Quase todas as arbitragens originam incidentes, e ninguém fica satisfeito, nem gregos nem troianos.

De sorte que ganha incremento a ideia, muito agitada no Brasil, de fazer ir de Inglaterra o número suficiente de árbitros para dirigirem os desafios mais importantes dos campeonatos. Para grandes males — grandes remédios!

A selecção portuguesa de futebol, após a realização do encontro do próximo domingo, continuará a treinar metódicamente.

Por este processo, há-de conseguir-se em Portugal uma selecção que tenha a coesão de grupo de clube!

Corre que...

A realização do Portugal-Espanha para a data de Abril está comprometida. Parece haver um mal entendido sobre o assunto no que se refere a datas.

☛ O dr. Mesquita de Guimarães vai seguir de perto o estãgio dos jogadores-militares quanto a alimentação. Trata-se de um estudo que o interessa.

☛ Voltou a paz aos grandes clubes. Bons perspectivas!

☛ A localização do campo do Benfica, na Avenida Alferes

Malheiros, parece acarretar vários inconvenientes.

☛ Está quase que assegurado o Portugal-Espanha corporativo de futebol, que servirá para a inauguração de um novo campo, em Espanha.

☛ Vai ser nomeado para fiscal de linha do desafio contra a R. A. F. o conhecido árbitro Carlos Canuto. Pelo menos, é esse o desejo do Seleccionador.

☛ Os casos sucedidos no Porto com a Selecção Nacional já passaram... Falou-se em sanção. Mas o que se impõe, para o futuro, é acatelar as organizações, devidamente, no Porto. O serviço de policiamento no treino era muito deficiente, além de escasso.

FLECHA
a melhor bicicleta



Eloi caminha para a bola no seu estilo dominador. Mas vários olhanenses o esperam e, por isso — não haverá perigo para os algarvios



O 2.º «goal» do Olhanense. Capela ainda se lançou, sob os olhares de Serafim — mas o esférico levava conta e medida



Capela está lesionado. Isto sucedeu depois do 2.º «goal» do Olhanense, e o maçagista presta-lhe imediatos socorros

O jogo do dia...

COMEÇARAM os grandes a sentir em Olhão, no simpático campo Padinha, que bem escusava de se chamar estádio, o peso do jogo olhanense. Quando há semanas atrás, afirmamos que o Benfica cometera uma autêntica proeza atarracando dois pontos naquele viveiro do Algarve, houve quem duvidasse. Ora, também havemos de passar...

A primeira prova está feita. O Belenenses desceu a Olhão com as maiores esperanças, e também com receios. Afinal, confirmou-se o nosso juízo. O jogo fino e de boa ligação dos lisboetas, um quadro de excelentes cores, viu-se dominado pelo ímpeto e pelo futebol de colaboração que os olhanenses sabem praticar, e praticam, com mestria. E o Belenenses deixou a cabeça da competição.

O encontro estava longe de atingir a boa nota que seria de esperar da luta entre concorrentes tão categorizados. No primeiro tempo, jogou-se um pouco ao acaso. Com fantasias. Da parte dos lisboetas, com certo retraimento. A prova está no alinhamento demasiadamente atrasado de Quaresma, só por si indicio de receio. Se os lisboetas não ligaram bem as suas jogadas, também os algarvios não conseguiram atingir o seu melhor. Longe de isso. Por que os olhanenses, em vez de baixarem o jogo, viram-se na necessidade de praticar futebol por alto. E' que os seus médios passaram sempre a bola pelo ar, facilitando com esse procedimento as entradas vigorosas, tipo Vasco e Feliciano.

Quando o Olhanense, na segunda parte, baixou o jogo, passando com velocidade e precisão, logo se viu o grupo lisboeta em sérios embaraços. Que perigo! O segundo tempo, não só pelo favor dos «goals», mas também por outros motivos, transformou-se na procela rica do encontro, no ponto de vista de qualidade. Mesmo porque ao bom trabalho da meia hora dos algarvios respondeu o Belenenses com um quarto de hora, vibrante e entusiasmado, um arranco supremo, retintamente à belenenses.

Sem dúvida, o mérito da vitória algarvia vinha-se na circunstância do Belenenses se entregar mais à função de ataque do que de defesa, ao contrário do seu adversário. Na verdade, a constituição da linha avançada do Olhanense apresentava falhas sensíveis, pelo menos, uma muito importante. E esta linha não conseguiu ligar os seus esforços, convenientemente, a não ser um período relativamente escasso. Do lado olhanense, os atacantes estiveram em destaque. Os interiores realizaram jogadas de pormenor muito curiosas, da melhor concepção, e toda a linha agiu rasoavelmente, de um modo geral, e muito bem em determinados trechos.

As bolas foram marcadas por João da Palma e Eminentório, e o Belenenses não teve pelo seu lado a chamada sorte do jogo em muitos lances decisivos. Foi precisamente na marcação do segundo «goal» que Capela se magoou, e muito fortemente, no choque com o adversário. E' assim a sorte. A lei das lesões está sempre à espreita. Causa pena ver Capela, a confirmar-se a notícia, fora das balizas portuguesas, no próximo domingo, no Estádio Nacional, contra a Royal Air Force.

Olhanense: Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Moreira, João da Palma, Cabrita, Salvador e Eminentório.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Sérgio, Serafim, Armando, Eloi, Andrade, Quaresma, e José Paulo.

Árbitro: Paulo de Oliveira, de Santarém.

O OLHANENSE confirma a sua categoria...

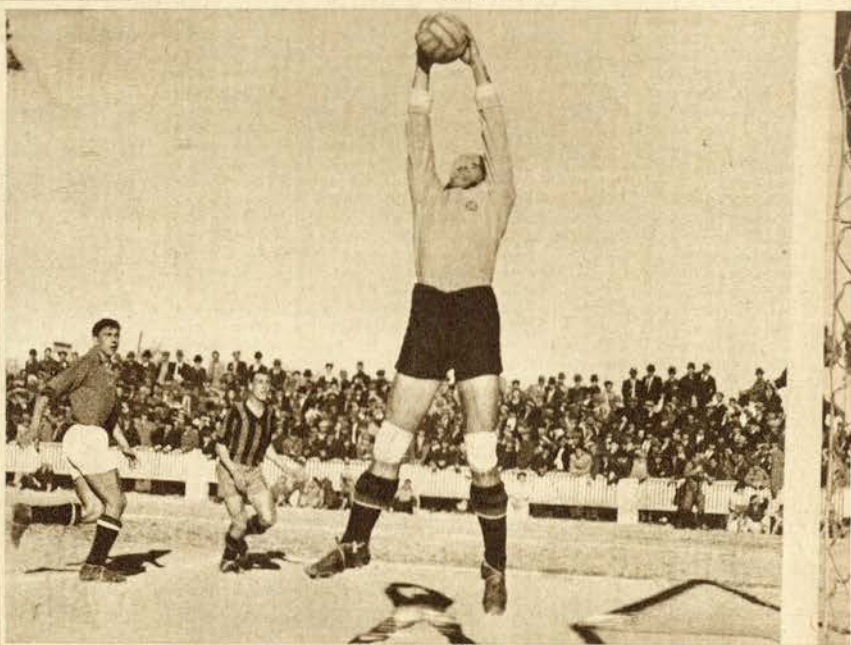


Capela defenderá como sabe. Vasco está a seu lado, mas Salvador também...

Cabrita leva a melhor desta vez, a despeito da oposição sempre segura de Feliciano. Amaro e Salvador estão na expectativa



É inevitável esta cerimônia, antes de qualquer jogo. Em Olhão, Amaro e Cabrita, cumprem sorridentes, perante o árbitro Paulo Oliveira. Ainda não havia vencedor...



Em cima: O guarda-rede bebelenense, numa bola alta, denuncia a sua habitual segurança.

Em baixo: Nunes não chegou a evitar um centro de Armando. A bola, porém, saiu a um lado.



O Almada Atlético Clube

a caminho de transformar-se em grande instituição

A vila de Almada procura, mercê de um esforço admirável, apoiado na dedicação e entusiasmo dos seus habitantes, impor-se não só na vida social como também na prática do desporto.

O início desse novo aspecto no desporto local principiou com a fusão dos dois clubes locais: o União Desportivo de Almada e o Pedreirense Futebol Clube.

Coroada de êxito essa iniciativa, o aparecimento do Almada Atlético Clube marcou desde logo um programa valioso, não só em benefício do desporto e dos desportistas locais, como também do desporto nacional, pois que, dada a importância do projecto, o desporto português receberá um excelente reforço.

Estivemos em Almada e na sede do clube ouvimos atentamente a exposição que nos fizeram o seu presidente, sr. João Louro, acompanhado pelos srs. Valentim Henriques, secretário, Jeremias Barros, secretário adjunto, e Alfredo Cáceres Alves, capitão do grupo de futebol.

—O Almada Atlético Clube cumpre a ideia que foi a base da iniciativa da fusão dos dois clubes almadenses.

Pensámos que poderia surgir um clube grande, capaz de divulgar os bons princípios do desporto e interessar o povo de Almada pela cultura física e até cultural.

Verificamos hoje que assim é. E não devem estar arrependidos o sr. Director Geral de Desportos, que apadrinhou com interesse a fusão, e a Federação Portuguesa de Futebol, que nos tem acompanhado com as suas boas palavras de incentivo e o valioso auxílio de 50 contos, com que pudemos entrar na posse do nosso magnífico campo de desportos. Temos cumprido. Muito mais queremos e havemos de fazer.

—Associativamente, como se encontra o Atlético de Almada?

— Bem. Quando existiam dois clubes, as duas massas associativas perfaziam um total de 500 sócios. O Atlético de Almada regista já 1.200 sócios e esperamos que dentro em pouco, com uma campanha que vamos iniciar, se chegue aos 3.000.

—Quais os projectos?

—A instalação da nossa sede, em edifício que esperamos brevemente alugar. Procuramos que a nossa casa desportiva tenha conforto e ambiente acolhedor. Nessa sede, além de todas as instalações para os socios, poderemos montar um amplo ginásio.

Ao mesmo tempo continuaremos as obras do nosso campo de desportos.

Procuramos dotar Almada com um estádio!

O nosso terreno presta-se à maravilha para esse efeito. Situated em local privilegiado, com linda vista e terrenos desafogados, o campo de jogos do Atlético de Almada receberá, logo que a época de futebol termine, as obras para tal necessárias. Prolongaremos as bancadas, há pouco inauguradas, que chegarão até a circundar as balizas. Construiremos uma pista para atletismo, balneários, posto médico e outras instalações subterráneas e procederemos ao arrelvamento do campo.

Se todos nos ajudarem e se o auxílio das entidades desportivas vier, como esperamos, colaborar nesta nossa obra, Almada, na época de 1946-47, terá o seu estádio! Todos estes projectos estão já traçados no papel—prontos a serem submetidos às entidades oficiais que superintendem nestes assuntos.

Depois, há a valorização dos nossos «teams» de futebol e o alargamento da nossa actividade desportiva.

—Qual é presentemente essa actividade?

—Além do futebol, praticamos atletismo, modalidade em que conquistámos já vários recordes,



O grupo do Almada Atlético Clube, vencedor do campeonato da Segunda Divisão da Associação de Futebol de Setúbal, no dia em que defrontou o Sport Lisboa e Benfica, empatando 1 a 1

nacionais e regionais; andebol, com duas categorias, e estão prestes a iniciar a sua actividade as secções de basquetebol e de voleibol.

Neste momento, o Almada Atlético Clube tem ainda uma outra ambição: ingressar na 1.ª divisão da A. F. de Setúbal. Havemos de conseguir.

Como vê—disseram-nos os dirigentes almadenses ao terminarem as suas informações—estamos animados dos maiores desejos de cumprir uma bela missão, a bem do desporto e de Almada.

As entidades dirigentes do desporto deram-nos um impulso. Nós procuramos corresponder, valorizando esse apoio.

Como se depreende destas informações o Almada Atlético Clube está lançado no bom caminho. Há entusiasmo acertado, uma vontade forte de trabalhar e um desejo ainda maior de, no mais curto espaço de tempo, fazer surgir em Almada um grande clube de desporto. Por enquanto nada há que faça supor o contrário...

F. S.

INICIATIVA TRIUNFANTE

O BELO ESFORÇO DO GINÁSIO EM FAVOR DO TIRO AO ARCO

A obra do Ginásio Clube Português—das mais belas coisas que o desporto nacional regista—não pára nem abranda o seu ritmo. Antes pelo contrário, para honra e glória da velha colectividade, adquire aspectos novos, novos cambiantes de um esforço notável que já transpôs o meio século. Não é um clube velho—sendo um velho clube. Não é ama colectividade que viva à sombra de tradições—tendo-as das mais valiosas. Não é um grémio que abranda a sua múltipla actividade inebriado à sombra dos louros conquistados, apesar de os possuir às mãos cheias.

O Ginásio Clube Português—o Real Ginásio dos tempos heróicos da propaganda—tem sido o introdutor de grande número de modalidades. Começa por introduzir a ginástica, pela mão de Luís Monteiro. Mas não ficou por aí. Seguiu-se o jogo de pua, a lata greco-romana, os pesos e alteres. Mais tarde dedicou-se ao remo, manteve uma escola de natação, dirigida por Walter Awata, e coube-lhe também a honra de organizar—já lá vão quarenta anos—a primeira prova de natação que se disputou em Portugal.

Mais recentemente, dedicou-se a alguns desportos ao ar livre, tendo marcado boa po-

sição no «rugby», por exemplo. Os desportos femininos mereceram-lhe especial atenção. E ainda hoje, numa altura em que a mulher portuguesa parece ter abandonado as competições ao ar livre, mantém, com apreciável concorrência, as suas classes de ginástica.

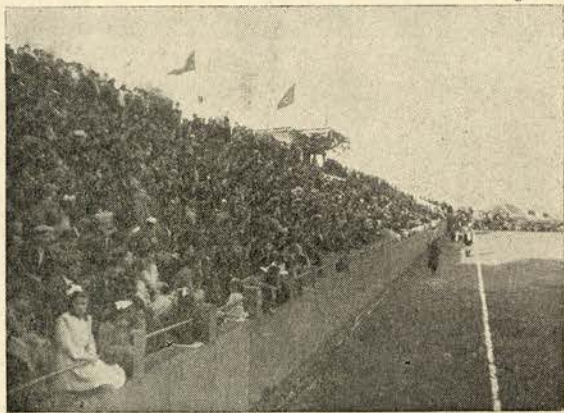
Pois o Ginásio, o «velho» Ginásio, acaba de nos dar mais uma prova eloquente da sua perpétua mocidade, através da campanha desenvolvida em favor dessa bela modalidade que é o tiro ao arco.

Desporto a um tempo viril e gracioso, prestando-se a atitudes de rara beleza estética, vimo-lo praticado com grande entusiasmo pelas raparigas da prestigiosa agremiação.

Uma nova modalidade nasceu, e, dentro da tradição, trazida para o tablado do desporto português, como tantas outras, pela mão do Ginásio Clube.

Tudo leva a crer que a nova modalidade frutifique. Assim o indica a forma como decorreram os torneios realizados no Parque das Lorangeiras, nam cenário encantador. O novo desporto parece ter caído bem. É natural que se desenvolva. Seria mais um título para o Ginásio. Seria uma folha mais a juntar ao seu longo historial.

Abreu Torres



Um aspecto da assistência das novas bancadas no dia grande do jogo contra o Benfica

No limiar da nova época prepara-se a Selecção Nacional

A designação do major Ivens Ferraz para continuar a desempenhar o cargo de Delegado do Ministério da Guerra junto dos Concursos Hípicos Oficiais a realizar em 1946 e a aproximação da nova época originaram determinadas medidas relativas, não só à preparação da nova Agenda, como aos trabalhos de selecção de cavaleiros e montadas para a equipa que representará no estrangeiro a cavalaria portuguesa.

O major Ivens Ferraz, que já no ano anterior desempenhara a mesma missão, cónscio da responsabilidade que lhe cabe na representação nacional, agora que o Estado despendera elevada quantia com a aquisição de montadas de desporto, iniciou já, segundo nos consta, os trabalhos preparatórios para a formação da equipa que disputará em Lisboa a «Taça de Ouro da Península» e tomará parte no Con-

curso de Madrid, a realizar de 3 a 15 de Junho.

Assim, depois de determinadas visitas a Malra e a Torres Novas, apresentou no Ministério da Guerra a sua proposta para distribuição dos cavalos de reserva da equipa nacional.

A proposta foi aprovada e assim se determinou que os cavalos «Xerez» e «Goza» sejam



Major Ivens Ferraz

trabalhados até no Concurso de Lisboa pelo capitão Fernando Pais; o «Zanro» e o «Zêzere» pelo capitão José Carvalhosa; o «Paiol» e o «Selecto» pelo tenente Fernando Cavaleiro e o «Roso» e o «Voaga» pelo tenente Joviano Ramos.

Tudo indica que sejam estes os componentes da equipa nacional, salvo se até lá algum outro cavaleiro se apresentar de forma a garantir com êxito qualquer substituição.

Como há dois cavalos por distribuir — o «Sado» e o «Sagres» — não foi posta de parte a ideia de aumentar para cinco o número dos nossos representantes, não estando, no entanto, indicado qual será o escolhido.

A. T.

Comentários...

O problema do amadorismo...

Um seleccionador em falso...

HA certos temas que periodicamente ressurgem em campanhas de ensaio junto da opinião pública, pretendendo insuflar-lhe a fé em determinada doutrina ou arrastá-la para intencionado sentido; falhada a tentativa, volta o silêncio durante largo prazo de tempo, aquele que os autores da referida propaganda julgam suficiente para o esquecimento cair sobre o fracasso dos seus intuitos, ou espreita-se o aparecimento ocasional de qualquer conjunto de circunstâncias que pareçam favoráveis à receptividade dos fins almejados, e vá de lançar em avarados ataques nova arremetida.

No complicado xadrez do desporto nacional, onde são diversas as peças que, por não terem visto realizado seu sonho de reinar, se empenham afincadamente na ambição do cheque ao rei — que bom, se o cheque fosse mate! — o problema do amadorismo é talvez o mais utilizado como arma de ataque contra a ética da organização existente. É uma espécie de prurido que ataca muita gente em crises periódicas.

Vêm-lhes então escrúpulos e melindres: tudo quanto existe é mau, à margem da verdade, eivado de vícios, indigno de consideração e a pedir caixole do lixo.

Bom, puro, são, só aquilo que esses apóstolos apregoam há tantos anos, sem capacidade realizadora para da teoria fazerem factos reais.

Todas estas considerações nos foram sugeridas por uma nova ofensiva empírica dos amadoristas intransigentes, exteriorizada mais tipicamente nalguns artigos velados por um anonimato de fim de alfabeto, onde se critica impiedosamente tudo quanto o Governo tem feito em prol do desporto — tanto construindo como organizando — e verbera por igual o espírito orientador e o braço executante.

Numa das mais recentes crónicas da série, censurava-se com rigor a municipalidade lisboeta porque estava apoiando as necessidades de novas instalações de clubes profissionais! Profissionais, porquê? Esses clubes, que vivem no exclusivo sacrifício desinteressado dos seus dirigentes, onde a juventude vai colher os ensinamentos para se robustecer, serem afinal de alvo às ferroadas dos empíricos do desporto, que, sendo incapazes de produzir obra prática, esfacelam inconsistentemente o que existe, só porque é obra alheia.

Clubes profissionais, no meio português, é uma calúnia herética. Aceitamos que haja, nos nossos principais clubes, desportistas que não mereçam a classificação ortodoxa de amadores; as colectividades, porém, os aglomerados actuaes, esses são cem por cento amadores e dignos da maior protecção porque o que existe e serve para benefício dos praticantes e objectivo dos tais puritanos, a eles se deve, a eles só.

DEPAROU-SE-NOS há dias, no diário madrileno «Marca», certa entrevista que, por se relacionar com assuntos portugueses, prendeu nossa atenção.

Quem falava — com estranha firmeza de opiniões e com tão pessoal interpretação da verdade, que foram a causa inicial da nossa crescente surpresa — era um sr. Somaranch, intitulado de seleccionador nacional espanhol de hoquei em patins, cargo que supomos seja uma espécie de título honorífico sem equivalência prática, pois nunca houve ainda no país vizinho qualquer selecção nacional da modalidade.

Ora notem os leitores esta amostra: diz o inventivo entrevistado que assistiu em Lisboa, quando aqui esteve há menos de um mês, a vários encontros de hoquei em patins que lhe deixaram a impressão de boa classe, serindo-se dessas observações para classificar os hoquistas lusitanos em quarto lugar na lista mundial dos países praticantes. Agradecemos o favor, mas perguntemos ao imaginativo catalão onde sonhou ele os encontros de hoquei em Lisboa, em meados de Janeiro?

Afirma o sr. Somaranch que se não celebra o Portugal-Espanha na modalidade exclusivamente porque não houve forma de convencer os poderes portugueses a consentirem na deslocação da equipa; no entanto, o subtil seleccionador em projecto espera apagar-nos no caminho, quando a selecção lusitana passar em Barcelona, de regresso da Suíça.

E como o jornalista formulasse a hipótese de uma dúvida, o quínto dirigente exclamou: «Homem! Espero que no deserten los portugueses a la última hora!».

Aqui deixámos de rir. Não nos parece crível que as coisas se passassem como são relatadas pelo fantasista seleccionador (é lógico que o seu grande sonho seja chegar, um dia, a seleccionar), supomos até que se tenha passado precisamente o contrário: serem as autoridades desportivas espanholas quem negou o «agrément» ao encontro peninsular. Mas menos acreditamos ainda que se possa formular sequer a hipótese de uma deserção portuguesa (porquê, meu Deus, porquê?) numa modalidade em que temos tradições abonatórias, quando não é nosso hábito fazê-lo noutros desportos, em que sabemos nulas as nossas probabilidades.

Desporto, em português, é sinónimo de luta leal, sr. Somaranch, não quer dizer que nós apenas vilória.

O famigerado seleccionador mostrou, ao que nos contaram, no decurso das conversações em Lisboa com os dirigentes nacionais, uma competente ignorância das regras; acrescentou agora, nesta sua entrevista, desconhecer também as «boas regras».

XADREZ

Concurso-Treino de Exercício de Reconstrução

PROBLEMA N.º 2

Chave: 1. Cc4, ameaça 2. Cg5

variantes (1.... Cc7; 2. d8=C
B:7; 2. PxC=D
R7; 2. PxC=D
DxC; 2. PxC=T ou D
Dxb ou D:7; 2. Dd5
DxP+; 2. DxD
Cxp+; 2. TxC
Cf7; 2. Cc5

Concurso Ibérico de Soluções

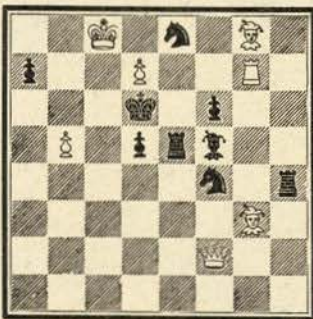
N.º 12 — «Stadium» — 1. Cd6, bloqueio incompleto.

Variantes Temáticas: 1.... Rc7 (faga concedida na chave) 2. d8=D. 1.... Cc7; 2. d8=C.

«Meredith» com quadrupla despregagem do Pd7 com possível promoção a quatro peças diferentes, se considerarmos aqui o princípio de economia de «equalidade». Vale 4 pontos.

(Continua no próximo número)

PROBLEMA XXVI
«Half-Pin»



2 X

No PORTO e em ELVAS



2

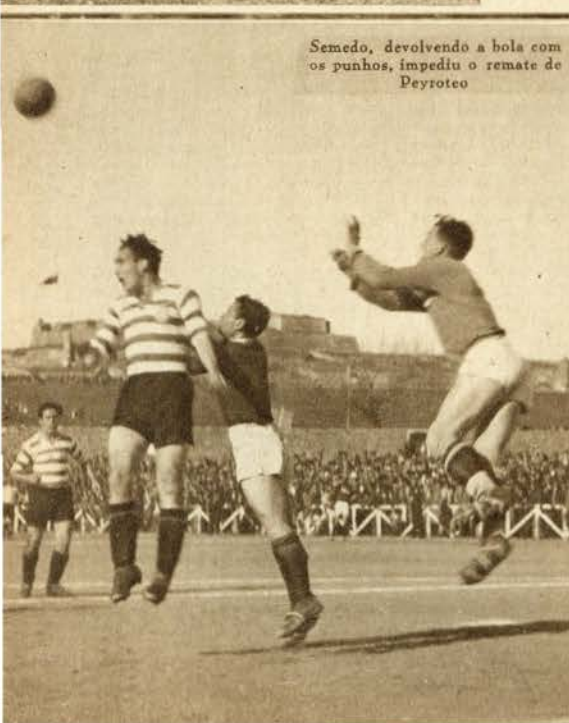
1) Barrigana estira-se admiravelmente aos pés de um avançado do Boavista no momento preciso.

2) Joaquim não chegou a tempo. A bola é de Mota.

3) Mota, guarda-rede do Boavista, defende com segurança um remate de Gomes da Costa (no chão).



3



Semedo, devolvendo a bola com os punhos, impediu o remate de Peyroteo



O ataque do Sporting procura romper. Mas nem sempre é fácil...



Destu vez, Peyroteo antecipou-se bem a Semedo. A bola, porém, não chegou à rede



Nas nossas colônias, ha simpatias especiais, entusiásticas às vezes, pelos clubes de primeiro plano da metrópole. Acontece assim — em Angola como em Moçambique. Aqui apresentamos, através dos três grupos acima, uma ideia das suas simpatias. Mas repare-se: são constituídos apenas por jogadores negros; um grupo de adeptos do Sporting; a seguir, outro do Belenenses; por fim, um da Académica.

Mas há mais. Os admiradores do F. C. do Porto e do Benfica são igualmente em grande número e possuem grupos que em breve publicaremos.



FUTEBOL CLUBE DE MURÇA



CLUBE DESPORTIVO DE BELAS



AGRÍCOLA SPORT CLUBE



FUTEBOL CLUBE DE CASTENDO



CLUBE DESPORTIVO DE LOURENÇO MARQUES

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

VÍTOR GUILHAR tirou já o gesso ao seu pé, fracturado contra o Olhanense. A notícia causou regozijo entre os desportistas portuenses, que muito estimam o excelente defeso do F. C. do Porto.

♦ A PROPOSITO: — há umas semanas, o nosso querido chefe de redacção, no tri-semanário «Mundo Desportivo», publicou uma certa de certo amigo do Boavista onde se dizia que Vítor Guilhar era um produto do clube do Bessa.

Má informação. Podemos garantir-lhe que Vítor Guilhar é um produto do campeão do Norte. Leia-se a «História do F. C. do Porto», de Rodrigues Teles. Vítor Guilhar principiou nos «teams» infantis do velho agrupamento da Constituição. Não há sobre isso qualquer dúvida...

♦ REBELO, ex-benfiquista e ex-Salgueirista? Uma complicação com este jogador... Agora passou-se para o Sport Lisboa e Elvas, parece que com certo apoio dos «agules» lisboetas. Felou-se muito na amizade entre encarnados de Lisboa e do Porto, mes... no caso Rebelo, nem tudo sucedeu assim!

E não poderá intervir quem de direito?

♦ PERGANTA-NOS uma linha engraçada para o ataque do F. C. do Porto: Joaquim, Araújo, Boavida, Gomes da Costa, Catalino. Cinco homens mais novos que velhos, cinco habilidosos e rematadores. Ficaram de fora: Lourenço, em má forma, Correia Dias, que joga «á espaços», e o velho Artur Sousa. É preciso contar com o futuro. Boavida, por exemplo — já há muito deveria ter subido ao grupo de honra. Poderá ser um caso sério.

♦ SOBRE atletismo — reservamos aos leitores uma novidade. Não a poderemos dar hoje...

♦ PERGUNTA-SE novamente: — o que há sobre o Estádio do F. C. do Porto? A nossa revista não deixará de estar alerta. Lá isso não! Os interesses do F. C. do Porto também são «interesses da própria cidade».

♦ EMBORA contra o simpático e valoroso Boavista, a vitória do F. C. Porto foi festejada pelos seus numerosos adeptos. Naturalmente. O primeiro clube do Norte e da cidade, por via de uma série de maus resultados e de infelicidades, foi derrotado 6 vezes seguidas — e, por isso, criou ambiente e bom ânimo este seu triunfo, mesmo tendo por adversário um brioso agrupamento da mesma terra.

Oxalá possa servir-lhe de estímulo. E oxalá o futuro seja menos ingrato...

Problemas distintos

O problema do F. C. do Porto não é o problema do treinador. Não parece de confundir uma coisa com a outra, a despeito dos pensamentos mais ou menos apaixonados que à volta da actuação do popular campeão nortinho se possam transmitir ao público.

Lamente-se, até, que nos sectores de livre crítica se julgue a «pouca sorte» actual da equipa influência de trabalho no tocante a Szabo — um homem que deu e dá seguras provas de competência e por certo ainda não provocou o descontentamento de quem o escolheu para tão difícil lugar.

E visto que o assunto foi ventilado, não custa pegar nele e discutir-lo serenamente. Sem maldade, sem propósitos de agredir a actuação de um homem ou de uma equipa.

E vamos ao caso, mas transportando-o até os clubes de primeiro plano, em Lisboa. Apresente-se o Sporting sem Azevedo; o Belenenses desfalcado de Capela. (Ausência de Barrigana). Tire-se uma defesa esquerdo que valha Vítor Guilhar: Manuel Marques, Feliciano... Coloquem de fora dois ou três jogadores tipo Catalino e Gomes da Costa: Rafael, Albano e Rogério; Teixeira ou Arsenio, Marques ou Armando Ferreira; Quaresma, Rafael ou Elói. Veremos depois se a boa classificação dos três grandes poderá manter-se no mesmo nível e se o facto não chamaria sobre si um coro de justificadas desculpas. Pelo menos, o seu trabalho oscilaria muito...

Umas guarda-redes como é hoje Barrigana valeria a falta de Azevedo no Sporting ou de Capela no Belenenses. O Porto perdeu jogos que, normalmente, seriam seus. Se, além do guarda-redes, contarmos com os acidentes forçados de Guilhar, Araújo e Catalino, esquecendo mesmo Gomes da Costa e Artur Sousa, será de considerar resolutamente que o treinador, seja qual for a sua competência, tem de julgar-se ilibado de culpa.

Logo, o problema do F. C. do Porto não é o problema do treinador. Este contava certamente com uma linha poderosa, mas teve a pouca sorte de sofrer baixas para que não contribuiu. Na mesma linha — Barrigana e Guilhar, poderão valer tanto como Azevedo — Cardoso ou Marques, Capela — Feliciano ou Martins — Gaspar Pinto.

Os acidentes deram-se, e em má altura. Não os apontamos para desculpar uma classificação inferior, mas única e simplesmente para estabelecer um princípio honesto e justo. O treinador Szabo provou indesmentível capacidade, e não vale desfeiteá-lo com palavras que não merece. O problema tem outras origens, infelizmente, e se as apontarem com dignidade, nem de longe nem de perto sairá beliscado da contenda o bom do Szabo.

Monte Negro Azul

Todos os desportos

Futebol-juniores

PRINCIPIOU a disputar-se no último domingo o campeonato portuense de juniores, tendo-se verificado os seguintes resultados:

Pedrouços, 1-Leixões, 1; Matosinhos, 8-Infesta, 0; Leça, 3-Ramalense, 1; Boavista, 2-Salgueiros, 0; Porto, 6-Candal, 0; Atlético, 3-Académico, 2; Coimbrões, 3-Vilanovense, 3; Canidelo, 1-Gaia, 0; Avintes, 2-Gervide, 0.

Corta-mato

O Vilanovense F. C., promoveu no domingo uma prova de corta-mato, a que concorreram atletas seus, do F. C. do Porto e do Académico.

Em principiantes, ganhou Agostinho Silva, do F. C. do Porto, com 14 m. 2 s.; em seniores, Coutinho Monteiro, do Académico.

Hoquei em campo

PERDENDO com o Boavista F. C., por 2-1, o F. C. do Porto viu as suas possibilidades reduzidas. Académico e Ramalense, seguros candidatos, empataram, e o clube do Bessa melhorou ainda mais a sua classificação.

Académico, 1-Ramalense, 1; Boavista, 2-Porto, 1; Académico, 0-Gaia, 0; Leixões, 2-L'Air Liquide, 1.

O Vilanovense marcou pontos por não comparência do Sport.

Golf

O «golf» tem os seus cultores na região nortenha. Na área de Espinho-Miramar, principalmente. Agora se disputou a taça «Moisés Cardoso», domingo último, tendo-a ganho o conhecido desportista Fernando Nicolau de Almeida.

UM ATLETA portuense



Abílio Serafim é hoje um nome bem classificado nos meios do basquete portuense. Tem habilidade natural. Um impressionante poder de adaptação, — extraordinárias possibilidades de rematador. Não há melhor nos grupos da capital do Norte.

O Porto possui bons jogadores, teve já admiráveis praticantes, mas nenhum excedeu Abílio Serafim a lançar ao cesto. António Soares e Vergílio colorizeram-se, em tempos idos; Nogueira Cardoso, o celebrado «Pima», na época actual, também pôde salientar-se, também subiu aos mais altos lugares da crítica, mas talvez não possa impor-se, a rematar, como o nosso apresentado de hoje. Abílio Serafim, de um modo estonteante, desorientando bem os defesas do basquete, — marca aos 100 pontos num só jogo!

E pouco se dá por ele. Fino, rijo sem dúvida, Abílio Serafim denuncia conhecimentos excepcionais. Os portuenses consideram-no justamente um dos mais fortes jogadores da cidade, um avançado que não dá tréguas, que pensa no resultado, que executa os lançamentos mais inverosímeis.

O treinador e presidente do Vasco da Gama, e seleccionador do Norte, nosso camarada Alves Teixeira, não o esqueceu, evidentemente, para os próximos jogos regionais.

Isso poderá ver o leitor nos próximos encontros Porto-Lisboa. Abílio Serafim destronará Nogueira Cardoso? E António Soares? Reparem nele. Na sua ligeireza? No seu «á vontade» a driblar, na sua maneira fácil de obter pontos. Um corpo franzino, tipo de infante. Mas um belo elemento para os vascos e para o basquete nortenho. E — porque não? — para o basquete nacional.

O seu jogo fino, produtivo e sempre bem ordenado não tem imitadores actualmente. No Porto, pelo menos. Não queremos exagerar, repelimos. Por isso o apontamos, para justificação desta referência, justa e oportuna. Por isso dizemos que será bom ver, brevemente, como joga Abílio Serafim...

Começou a temporada de inverno

A Associação de Lisboa organiza oficialmente no domingo a sua primeira prova de corta-mato, conseguindo assim dar início à temporada de inverno antes de chegar a primavera.

O calendário regional das provas de campo e de estrada anda tradicionalmente atrasado, com prejuízo para os corredores praticantes, que transitam sem o necessário período de descanso para a época de pista. Este hábito traz uma velha pecha portuguesa de guardar tudo para a última hora, mas a Federação — a quem compete fiscalizar e corrigir as deficiências das associações saes filiadas — bem podia intervir marcando para mais cedo as datas dos nacionais de corta-mato e da Maratona e dando-as a conhecer com longa antecedência, o que obrigaria os organismos regionais a antecipar os respectivos programas para estarem prontos em devido tempo.

As provas de abertura disputadas no domingo passado tiveram escasso interesse; concorrência diminuta e percurso pouco feliz.

É inexplicável a escassez dos praticantes de corta-mato em Portugal, quando esta modalidade é das mais populares no estrangeiro. Os principais clubes restringem a sua representação, certamente porque a modalidade é, por especiais razões, «cara»; a única forma de forçar o aumento do número de inscrições seria elevar para cinco os corredores de cada equipa a contarem para a classificação colectiva.

Para fins de propagação, com o objectivo de atrair novos praticantes, a própria associação podia chamar a si a iniciativa de organizar uma prova popular de corta-mato.

O percurso de domingo não nos agradou; traçado em recurso nos terrenos que circundam o estádio do Lumiar, era demasiado retorcido, com consequência do desejo dos organizadores de evitar demasiada dureza no acidentado do trajecto.

Uma volta na pista, um giro pelo campo que não teria mais de 300 metros, um troço de estrada em «macadam» e calçada, de novo terreno de pista, tudo isto rodando, ora para a esquerda, ora para a direita, pareceu-nos excessivamente complicado para, afinal, nunca sair do mesmo sítio. Cada volta não chegaria a medir um quilómetro.

Traçado o percurso, os dirigentes responsáveis reaniraram-se na pista ciclista do Estádio, onde se verificava a partida e chegada, e deixaram correr quem corria; sucedeu assim que, no tal curto anel de percurso pelos terrenos posteriores à tribuna, por baixo do tiro nos pombos, cada um cortou terreno a seu belo prazer, sem respeitar bandeirolas. Na prova dos seniores, por exemplo, João Miguel e Aníbal Barão mereceram largamente a desclassificação. Mas o Jdri conversava, à sombra, junto à meta, e achava inútil a colocação de fiscais...

Os corredores do Benfica, únicos que se apresentaram convenientemente preparados, ganharam todas as provas e apenas o principiante belenense Joaquim Branco e o internacional sportinguista Afonso Marques conseguiram classificar-se em postos de honra, intercalando-se nas equipas dos encarnados.

Os trianfadores individuais foram três homens consagrados: o senhor João Silva, o junior Manuel Gomes e o principiante José Araújo, corredor feito na F. N. A. T., onde, nos últimos dois anos, ganhou todas as corridas de fundo e meio-fundo.

Os principiantes percorreram três vezes o circuito, com a média de 5 m. 2,3 s. por volta; os juniores repetiram quatro vezes o percurso, a 4 m. 52,5 s. de média e os seniores deram cinco voltas no mesmo trajecto à razão de 4 m. 46 s.; verifica-se por estes números a lógica progressão no andamento, directamente relacionada com a experiência e classe das categorias de corredores em confronto.

Salazar Carreira

Provas da Mocidade Colégio Militar e Liceu Pedro Nunes em evidência

NO torneio de futebol da Ala 2, as posições começam a definir-se. Ao cabo de três jornadas, as tarmas mais apetrechadas têm já lugares delimitados na tabela da classificação.

O Colégio Militar, o Liceu de Pedro Nunes e o Colégio «O Académico», à cabeça de cada uma das séries, apresentam-se, de momento, como os mais sérios candidatos ao título, independentemente, claro, do que ainda possa vir a acontecer.

Os encontros da última jornada, disputados no mesmo ambiente de correcção e entusiasmo, forneceram resultados normais, mais ou menos de harmonia com a classificação actual de cada uma das tarmas.

A vitória mais volumosa coube ao Liceu de Pedro Nunes, vencedor da Escola Nacional por onze bolas a zero. O grupo do Pedro Nunes, «leader» da sua série, venceu — e convenceu.

Nítida, também, a vitória do Colégio Militar sobre a Escola de Veiga Beirão (7-1), a atestar e a justificar a bela posição que os rapazes da Luz mantêm neste torneio.

O grupo do Centro do Barreiro voltou a dar boa conta de si, vencendo, sem grandes dificuldades, o elenco do Instituto de Sidónio Pais (4-2).

A Escola de Machado de Castro,

De surpresa em surpresa

EM dois domingos consecutivos viu-se o Desportivo «Caf» liberto dos adversários que o ameaçavam e, praticamente, senhor do ambicionado título.

Foi, primeiro, o Sporting, que se deixou bater pelo Belenenses, dando nova prova — como dizíamos na crónica que «Stadium» não chegou a publicar porque o espaço foi preciso para o futebol — da fragilidade da sua defesa, que foi, no grupo dos melhores da classificação, aquela que consentia maior número de bolas nas suas redes: 33. Isto explica que se encontre em posição pouco lisonjeira, para as suas ambições, um grupo que a muita gente parecia merecer favoritismo antes do início do campeonato e cuja linha avançada possui o máximo dos pontos alcançados: 82.

Ficará assim o Benfica isolado no segundo lugar, mas não lhe daráo mais de oito dias o privilégio, pois cedeu no domingo ante «Os Treze», que está mostrando este ano um valor a lembrar as suas antigas tradições.

Ao fim da primeira volta de

torneio, que acaba no domingo, temos portanto o Desportivo «Caf» com quatro pontos de vantagem sobre «Os Treze» e o vencedor do encontro Sporting-Benfica, que faz parte do próximo programa.

Imediatamente classificados, vêm o Internacional e o Belenenses, com o mesmo número de pontos depois da inesperada vitória do primeiro na jornada transacta. Parece paradoxal que os «azuis», depois de brilhante triunfo sobre os «leões», hajam sacumbido em frente dos «alvi-negros», cujo comportamento na prova fora apenas equilibrado, progressivo, mas sem rasgos que fizessem supor tal proeza.

O facto, porém, explica-se em parte pela remodelação introduzida na equipa belenense, da qual se retiraram todos os elementos que alinhavam também na categoria de honra de basquetebol porque tinham para disputar ontem à noite o encontro decisivo do campeonato desta modalidade.

É difícil matar, de uma caixa, dois coelhos.

O jogo Benfica-«Os Treze», o mais importante da jornada, trouxe ao Campo Grande uma assistência regular, e à qual o resultado desolou; no entanto, nada mais justo do que esta vitória trezista.

A luta decorreu leal e animada, nada justificando as reclamações constantes de um grupo de espectadores colocados por detrás da baliza de Osvaldo, e que o árbitro devia ter mandado fazer barulho para outro sítio. Houve algumas entradas de choque, as prisões habituais, mas tanto as empregaram uns como outros.

Os dois grupos equilibraram a partida em ataques alternados, progredindo ambos com facilidade no meio do terreno, qualquer deles criando frequentes ocasiões de remate; a diferença que justifica o pesado resultado esteve na eficácia das linhas avançadas. Os encarnados não souberam apontar, tardando o disparo da bola ou passando-a por cima da trave, ao passo que os trezistas se desmarcaram melhor no momento decisivo e aproveitaram o melhor possível a fraqueza do defesa direito, adversário por cujo corredor passaram os ataques vitoriosos.

Estas considerações vão de encontro à lição dos factos, pois o Benfica é o grupo da vanguarda que menor activo possui, apenas com 35 bolas (Belenenses 38, «Os Treze» 60, «Caf» 77 e Sporting 82).

Na actividade regional do andebol registou-se durante a semana linda outro acontecimento importante, que foi a posse dos novos dirigentes associativos, nos quais continua presidindo Aníbal Marques. Talvez agora, com o fomento das energias iniciais, venha a mexer-se na organização dos encontros Porto-Lisboa, que tanto interessam à propagação popular do andebol.

Abreu Torres

José de Esp

durante a **Semana**



O valeroso ciclista José Martins voltou ao Grupo Desportivo da Iluminante. Eis a altura em que é submetido à inspeção do médico do clube, sr. José Maria Cardoso. Ao lado, o enfermeiro, Carmindo Merca



No Sporting C. P. joga-se xadrez. Eis um grupo de concorrentes a um torneio que ali se realiza actualmente



Uma fase do jogo de handball Benfica-Os 13, para o campeonato de Lisboa



Em cima: A partida dos concorrentes ao campeonato de cross-mato-principiantes.



O quinze de «rugby» do Sporting, concorrente ao campeonato regional



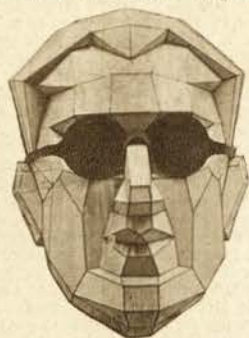
Em baixo: A chegada de José Araújo, — o vencedor.



O acto da posse da nova gerência do S. L. Benfica



Um aspecto da posse da nova direcção do Sporting



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865

Depositária das lentes "ZEISS"

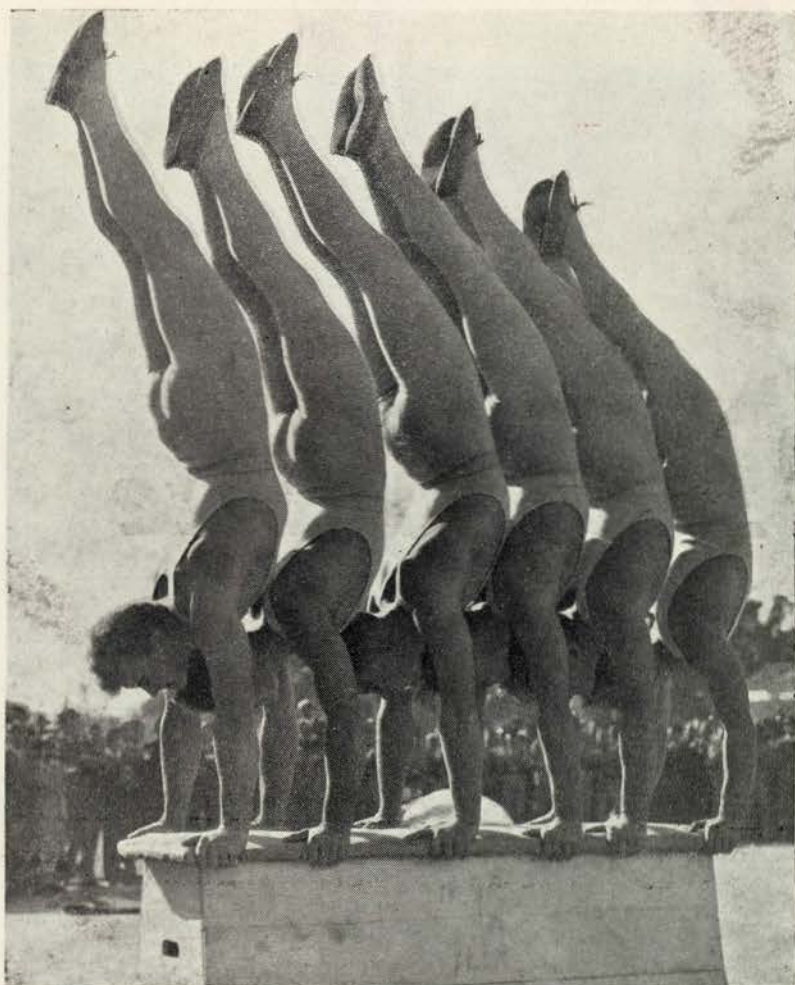
Binóculos, Termómetros

Bússolas de marcha, etc.

Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140

Telefone 22829 LISBOA



1924-25, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100

ACROBATS
A group of acrobats performing a handstand pyramid on a wooden box.



Stadium

A Iluminante

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO

e

B I C I C L E T A S

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

Esc. 2\$00